



Heterotopias:

espaços de criação de possibilidades na formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade

Cristina Monteggia Varela, *Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC)*

Paula Regina Costa Ribeiro, *Universidade Federal do Rio Grande (FURG)*

Joanalira Corpes Magalhães, *Universidade Federal do Rio Grande (FURG)*

Resumo. O presente artigo tem por objetivo discutir o Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto espaço permeado por elementos heterotópicos que possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade. Pautado nos estudos foucaultianos, propõe-se, na presente pesquisa, realizar o estudo teórico do conceito de heterotopia desenvolvido por Michel Foucault e, posteriormente, realizar a análise do espaço do Videocurso. Conclui-se ser o Videocurso um espaço permeado por elementos das heterotopias pensadas por Foucault. Percebe-se, nele, a justaposição de espaços distintos entre si, permitindo o diálogo, bem como a troca de experiências e de vivências dos/das cursistas que participam do curso. Além disso, esse se configura um espaço de desvio, ao que tem se instituído, na educação no Brasil, o qual cria possibilidades para o aprendizado e a discussão da educação para a sexualidade, fazendo multiplicar a promoção de uma educação pautada nas diferenças e no combate às violências.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para a sexualidade. Heterotopia. Formação de profissionais da educação. Resistência.



Introdução

Nesse artigo, pretendemos discutir o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade enquanto um espaço permeado por elementos heterotópicos, que possibilitam a formação de profissionais da educação em educação para a sexualidade¹. Nesse sentido, a proposta é compreender que o movimento de criação do Videocurso, bem como sua oferta e realização junto aos/às profissionais da educação, no momento atual em que vivemos, acuados/as pelo ataque e pela repreensão das discussões de tais temas no espaço da escola, poderá ser importante. Isso se dará por pensarmos o espaço do Videocurso como um lugar de criação de possibilidades, permeado por elementos das heterotopias, no campo da educação, “para contestar o slogan ideologia de gênero e criar formas outras de fazer com que gênero e sexualidade estejam presentes nos currículos escolares” (Paraíso, 2018a, p. 09).

Utiliza-se nesta pesquisa aporte teórico dos estudos de Michel Foucault, Silvio Gallo, Marlucy Paraíso, Constantina Xavier Filha, entre outros/as autores/as para fundamentar as discussões e análises apresentadas. O Videocurso é um curso de formação para profissionais da educação, ofertado na modalidade a distância. O mesmo tem como propósito debater as questões da educação para a sexualidade no âmbito da educação, tendo em vista fomentar práticas que potencializem a produção de uma educação pautada nas diferenças para o enfrentamento das múltiplas violências e desigualdades.

Compõem o *corpus* de análise o espaço do Videocurso Educação para a Sexualidade e suas videoaulas, seus fóruns de discussão, suas webconferências, seus recursos educativos digitais e artefatos culturais, os quais foram produzidos pelos/as cursistas, nas ofertas realizadas no período de 2015 a 2018.

Os caminhos percorridos, ao longo do processo de análise que perpassa este artigo, constituem-se, principalmente, pela aproximação à discussão realizada por Foucault em dois textos: “Outros Espaços”, publicado na coletânea “Ditos e Escritos” (2009); e “As Heterotopias”, divulgado, em um primeiro momento, em uma revista de arquitetura e, posteriormente, em um livro de mesmo nome (2013). Em ambas passagens, o filósofo apresenta uma outra proposta de análise dos

¹ Projeto financiado com apoio do CNPq.



espaços, e é neste caminho de análises anunciado que o estudo presente se articula.

Se olhar os espaços, para Foucault, significou pensar na “dupla articulação do poder sobre o corpo do indivíduo e do saber ao poder” (Defert, 2013, p. 46), pensar nos contraespaços que podem se constituir em meio ao que se encontra instituído - como as escolas, as igrejas, os hospitais, os quartéis -, seria, então, possibilitar a construção de “um lugar que não acaba, ideia-força que ressoa na memória” (Pérez, 2007, p. 128). Dessa maneira, concebemos as heterotopias no espaço de análise desse artigo como espaços de possibilidade, de multiplicação de caminhos para se pensar, discutir e construir práticas de formação voltadas à educação para a sexualidade e seus temas.

Ações, reações e motivações...

Como interromper os ataques que os currículos e os temas gêneros e sexualidades estão sofrendo, hoje, no Brasil? Como introduzir nesse processo uma resistência que não somente “diga não”, mas que crie possíveis, nestes tempos de políticas reacionárias que querem, entre inúmeros retrocessos, impedir qualquer discussão de gênero no currículo escolar? (Paraíso, 2018a, p. 07).

Tempos difíceis são vividos por nós e por todos/as aqueles/as que assumem, como perspectiva teórica e educativa, a discussão, o estudo e a prática pedagógica da abordagem dos temas que compõem o escopo do campo de conhecimentos da educação para a sexualidade, nomeadamente as questões de corpos, gêneros e sexualidades. Percebemos, desde meados de 2014, intitulados sob o slogan “Ideologia de Gênero”, o crescimento de movimentos reacionários que têm realizado, nos últimos anos, diversos ataques diretos àqueles/as que defendem e realizam a discussão de tais temáticas no currículo e no espaço da escola (Junqueira, 2017).

Frente aos avanços e às conquistas, nos currículos escolares, obtidos junto às políticas públicas, em Educação no Brasil, a partir do crescente fortalecimento e compreensão da importância e da legitimidade das discussões da educação para a sexualidade, que vimos crescer o incômodo , em algumas parcelas da população, em relação à abordagem das temáticas de gênero e de sexualidade. Em função disso,



fortalece-se, em todo o país, um movimento intitulado contra a “Ideologia de Gênero”.

Sob a bandeira de defesa da moral e dos bons costumes da família tradicional brasileira (heterossexual, nuclear, branca, cristã), apoiados por uma bancada de políticos conservadores, dentro das câmaras de deputados e no senado, esse movimento tem realizado diversas investidas contra os avanços já adquiridos no campo das políticas educacionais e nas demais instâncias sociais. Assim, como muito bem questionou Marlucy Paraíso (2018a), na passagem que inicia esse texto, passamos a nos questionar: de que maneira podemos enfrentar os ataques e os retrocessos que estamos vivendo junto às políticas públicas e educacionais no Brasil?

Em meio a esse contexto de disputas e de enfrentamentos no campo curricular, junto às temáticas da educação para a sexualidade, surgiu, no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - Gese, a preocupação sobre essa temática e a necessidade de investir na produção de novos espaços para a formação de profissionais da educação nessa área. A redução de investimento por parte dos governos, em cursos de formação, bem como a pouca disponibilidade e liberação dos/as profissionais do espaço da escola, atrelado ao crescente discurso de que temas como gênero e sexualidade não seriam conteúdo escolar, passaram a mobilizar pessoas.

Em meio a este contexto que se constituiu o Videocurso Educação para a Sexualidade, um curso de formação ofertado totalmente *online* através da plataforma Moodle, voltado para profissionais da educação. Esse tem, por interesse, apresentar e debater questões relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades no espaço dos currículos escolares e demais espaços educativos.

Desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, o referido Videocurso está pautado no entendimento de que os corpos, os gêneros e as sexualidades são constructos históricos, sociais e culturais. Dessa maneira, sua proposta é discutir e problematizar tais questões em articulação com as dimensões étnico-raciais, geracionais, de classe, de nacionalidade, entre outras, com o propósito de:

[...] contribuir com a formação de profissionais da educação, através de videoaulas que tratam das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades nas escolas e nos diversos espaços educativos, fomentando discussões que visem à promoção, o respeito e a valorização da diversidade sexual e de gênero, colaborando assim,



para o enfrentamento da violência sexista e homofóbica (Moodle Videocurso, 2017)².

O material pedagógico do curso é composto pelas videoaulas, pela midiateca, com livros e vídeos produzidos pelo Gese, com indicações de leituras para aprofundamento teórico e materiais de apoio à prática pedagógica. Ainda, são feitas indicações de artefatos midiáticos, de livros infantis e de propostas de atividades e oficinas para o embasamento de aulas e de projetos pedagógicos. Para a realização das discussões sobre o conteúdo teórico apresentado no material pedagógico do curso (videoaulas), são realizados fóruns de debate.

Ademais, é proposto, para cada cursista, a produção de um trabalho ao final de cada parte do Videocurso, sendo, respectivamente, solicitada a construção de um recurso educativo digital e a produção de um artefato cultural. Esses devem ter, por objetivo, fomentar práticas e discussões relacionadas à educação para a sexualidade nos diferentes espaços de atuação dos/as cursistas. Também, durante o curso, são realizadas webconferências com palestrantes convidados/as – pesquisadores/as da área – que têm sua fala transmitida ao vivo, proporcionando um momento de debate entre cursistas, equipe docente e palestrante, via transmissão *online* pelo *YouTube*.

As discussões que perpassam a proposta do Videocurso estão alicerçadas no campo de estudos da educação para a sexualidade, compreendendo-o como um movimento discursivo que se propõe não somente a educar a respeito de temas relacionados a essa discussão mas também que pretende problematizar práticas e conceitos naturalizados em nossa sociedade, como a cisheteronormatividade, a expressão binária dos gêneros, a vivência da maternidade e da paternidade, as múltiplas formas de violência, entre outras questões.

Assim, dentro do escopo da educação para a sexualidade, o Videocurso vai propor em suas videoaulas e materiais de leitura complementar o aprofundamento teórico nos seguintes temas: identidades sexuais e de gênero, violências de gênero, corpos, Aids, *sexting*, feminismos, masculinidades, saúde sexual, juventudes e infâncias, abuso sexual, famílias, gênero e ciência, mídias culturais, currículo e PPP, sempre entrelaçando tais discussões aos conceitos de gênero e sexualidade.

² Como a Plataforma Moodle não é um sistema aberto, as narrativas dos/as cursistas se encontram no Moodle Furg no Videocurso Educação para a Sexualidade dos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018.



Toda a proposta do Videocurso e todo o material produzido e disponibilizado nele, desde suas videoaulas até a escolha dos temas e dos materiais, é fruto das pesquisas de mestrado e de doutorado de integrantes do Gese, bem como de sua experiência e sua trajetória, no ensino superior e na formação continuada, de profissionais da educação através de outros cursos de formação.

O Videocurso foi ofertado na forma de curso de extensão durante os anos de 2015 a 2019, quando passou a ser ofertado na forma de especialização pela Furg. Ambientado na plataforma Moodle da Furg, é nele que cursistas e formadores/as dialogam virtualmente.

As trocas e as aprendizagens realizadas nos fóruns, assim como os materiais produzidos pelos/as cursistas nos mostram que, mesmo em tempos de slogan “Ideologia de Gênero” é possível criar possibilidades para o debate e para a formação sobre as temáticas da educação para a sexualidade. Conforme explicita Paraíso (2018a, p. 09),

A “guerra” travada por grupos reacionários contra os currículos e contra as conquistas recentes no Brasil – em que os temas gênero e sexualidade haviam ganhado status de temas dignos e necessários de serem trabalhados nas escolas – está começando a ter como efeito que professores/as tenham aceitado entrar nessa “guerra” [...].

Notamos, no espaço do Videocurso, essa vontade de lutar, de resistir, de fazer acontecer uma educação pautada na valorização das diferenças, no respeito e na multiplicação de práticas educativas permeadas pelas questões de corpos, de gêneros e de sexualidades. Percebemos, nesse movimento constituído pelo Videocurso, vestígios daquilo que Foucault nomeia como heterotopias (2009; 2013), espaços outros, que fazem proliferar possibilidades, experiências, invenções (Gallo, 2015a).

Educação para a sexualidade: campo conceitual

A “Educação para a Sexualidade” propõe pensar a sexualidade como uma construção histórica e cultural, pautada em relações de saber-poder, relativizando os discursos dados como verdades absolutas – permitindo, assim, questionarmos os discursos tidos como verdades. Desta forma, ampliamos o espaço de discussão da sexualidade no campo da educação, passando assim a acionar outros elementos como prazeres, desejos, erotismo, a produção das identidades. Para Debora Britzman (2013, p. 105-106),



a sexualidade não deve ser pensada como um tipo de dado natural que o poder tenta manter sob controle ou como obscuro domínio que o conhecimento tenta gradualmente descobrir. Ela é o nome que pode ser dado a um construto histórico: não há uma realidade furtiva que é difícil de apreender, mas uma enorme superfície em forma de rede na qual as estimulações dos corpos, a intensificação dos prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de um conhecimento especializado, o reforço dos controles e resistências estão vinculadas uns aos outros, de acordo com algumas poucas estratégias importantes de saber e poder.

Ainda sobre a construção do discurso a respeito da sexualidade, nos remetemos ao que Foucault anunciou em sua obra intitulada “História da Sexualidade”, ao discorrer a respeito do movimento ocorrido ao final do século 18 , com o surgimento do que ele irá chamar de “novas tecnologias do sexo” (1997, p. 110).

Para o autor, essas novas tecnologias vão se expressar na sociedade Ocidental de três maneiras: a partir da pedagogia, da medicina e da economia. Interessa-nos aqui olhar mais detidamente no que diz respeito à pedagogia. Para Foucault (1997, p. 110), “através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia-se do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância”.

Essa vigilância se expressa por meio da pedagogia no controle dos corpos das crianças, na preocupação com o que o autor irá chamar de “pecado de juventude”. Utilizando-se de muitos métodos, em parte já utilizados pela Igreja, a pedagogia passa a exercer maior vigilância e controle sobre os corpos das crianças, observando e analisando sua sexualidade.

Ao longo do século 19 instaura-se aquilo que Foucault passa a descrever como um dispositivo da sexualidade. Segundo ele,

a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (Foucault, 1997, p. 100).

Esse dispositivo opera sobre nossa sexualidade e sobre nossas práticas de educação através de diversos mecanismos de poder, por meio da construção de um saber sobre nossos corpos, nosso sexo, nossos



prazeres e desejos, configurando assim a sexualidade como uma poderosa forma de controle e assujeitamento. Nessa perspectiva, a proposta constituída pela “Educação para a Sexualidade” se pretende como prática que tem por caminho problematizar, refletir, desconstruir discursos tidos como verdades absolutas em nossa sociedade, demonstrando seu caráter histórico e cultural.

Pensar na “Educação para a Sexualidade” enquanto proposta conceitual e pedagógica é uma forma de se apresentar a transitoriedade de nossas identidades, denunciar as violências já tão banalizadas e naturalizadas em nossa sociedade, possibilitar que novas questões sejam acionadas como a vivência dos prazeres e desejos, a curiosidade, fugindo-se de padrões, normas e regras.

Espaços e *contra*espaços: por que pensar em heterotopias no Videocurso?

O espaço do Videocurso é um ambiente virtual de formação de profissionais da educação que nos permite estabelecer o diálogo com diversas pessoas, localizadas em diferentes lugares, de modo a realizar trocas e aprendizagens com os múltiplos sujeitos que participam do curso. Esses, por sua vez, compartilham suas trajetórias de vida, suas experiências e seus saberes construídos. Além disso, o referido curso tem se constituído em um espaço que resiste aos avanços da mobilização contra “Ideologia de Gênero” e faz acontecer e se multiplicar, no âmbito educacional, o debate da educação para a sexualidade.

Propomos olhar para o Videocurso e entendê-lo a partir do conceito de heterotopia pensado por Foucault, em função das experiências vividas por nós enquanto docentes, nesse espaço, percebendo assim algumas das características descritas por esse teórico em seus estudos. Segundo pontuado pelo próprio Foucault, pensar nos espaços foi uma de suas grandes obsessões.

Muitas são as passagens, em sua obra, que têm, como propósito, analisar os múltiplos espaços nos quais vivemos e convivemos. Em seu livro *Vigiar e Punir* (2013), é possível visualizar o empreendimento de análise dos espaços realizado pelo filósofo, com o intuito de delinear aquilo que constituiu, posteriormente, seu estudo sobre o conceito de poder e as relações que advêm entre saber e poder. Para o filósofo, “O espaço é fundamental em qualquer forma de vida comunitária; o espaço é fundamental em todo o exercício de poder” (Foucault, 2015, s/p) e,



nesse sentido, fazer aparecer “essa interface, [...] a interface do saber e do poder, da verdade e do poder” (Foucault, 2003, p. 224).

Para Foucault, “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (2014, p. 31). E todas essas relações, todos esses múltiplos posicionamentos, acontecem a partir dos diferentes espaços nos quais transitamos.

A problemática que se constitui nessa incessante preocupação com os espaços. Ela é destacada em mais de uma passagem, nos escritos do teórico, e aparece na forma de um exercício ao demonstrar como as transformações sociais ocorridas, a partir do século XVIII, com a evolução da arquitetura, a partir do crescimento e da aglomeração em cidades, articulam-se à preocupação com questões de ordem de saúde, política e de controle populacional. É nesse processo que nos aproximamos de “uma história foucaultiana dos espaços, mais precisamente, da espacialização do poder” (Foucault, 2013, p. 51).

Tais aproximações, entre espaço, poder e saber, são aqui invocadas, novamente, quando nos debruçamos a respeito do estudo das heterotopias, ou seja, esses *contraespaços* descritos, por Foucault, em poucas passagens de sua obra.

O conceito de heterotopia é apresentado, na obra do filósofo, em três momentos distintos. Inicialmente, é abordado, pelo autor, no prefácio da obra “As Palavras e as Coisas”, publicado em 1966. O termo é, nesse momento, empregado para discutir como “a linguagem se entrecruza com o espaço” (Foucault, 2013, p. 36). Nesse prefácio, Foucault articula o conceito de heterotopia para pensar a estranheza causada pela enciclopédia chinesa, inventada por Borges, a qual apresenta uma classificação, para os animais, bastante diferente da que conhecemos usualmente. Para Foucault, a leitura de tal texto lhe causa um misto de riso e mal-estar,

Talvez porque no seu rastro nascia a suspeita de que há desordem pior que aquela do incongruente e da aproximação do que não convém; seria a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito; e importa entender esta palavra no sentido mais próximo de sua etimologia: as coisas aí são “deitadas”, “colocadas”, “dispostas” em lugares a tal ponto diferentes, que é impossível encontrar-lhes um espaço de acolhimento, definir por baixo de umas e outras um lugar-comum (Foucault, 2007, p. XII).



Foucault busca encontrar um espaço, como uma folha de papel em branco, em que a classificação apresentada na enciclopédia chinesa, inventada por Borges, tenha um lugar, um espaço para se pensar esse heteróclito. Dessa forma, ao indicar como uma oposição às utopias, lugares imaginados, sem um lugar real, ele nos apresenta, pela primeira vez, o conceito de heterotopia. Nas palavras de Foucault (2007, p. XIII):

As heterotopias inquietam, sem dúvida, porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto ou aquilo, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias (encontradas tão frequentemente em Borges) dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases.

Posteriormente à publicação de *As Palavras e as Coisas*, Foucault (2013) realiza, alguns meses depois, uma transmissão radiofônica na qual volta a falar do conceito de heterotopia. Porém, se inicialmente a indicação do conceito era pertinente a uma análise dos discursos, nesse momento, passou a se constituir uma preocupação com a análise dos espaços. Nessa transmissão, Foucault preocupa-se em pensar que lugares são essas heterotopias na sociedade do século 20 e, por fim, apresenta o que seria um estudo dos espaços, denominado, pelo autor, de heterotopologia.

As heterotopias são lugares reais, espaços outros que coexistem com os espaços instituídos, que fogem ao controle dos espaços-tempo dos demais lugares. Para descrever essas heterotopias, Foucault se utilizou de alguns exemplos, indicando que podemos entender, como heterotopias, as bibliotecas, os jardins e os navios, por serem espaços que têm uma localização real, mas que nos remetem para outros lugares, outros tempos.

De acordo com Foucault,

Há regiões de passagem, ruas, trens, metrô; há regiões abertas de parada transitória, cafés, cinemas, praias, hotéis, e há regiões fechadas de repouso e moradia. Ora, entre todos esses lugares que se distinguem uns dos outros, há os que são *absolutamente* diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los. São como *contraespaços* (Foucault, 2013, p. 19).



Essas heterotopias são as utopias localizadas, lugares reais, os quais, mesmo no interior desses lugares que vivemos, têm, por característica, serem diferentes de todos esses outros espaços em que se encontram. É nessa proposta de análise dos espaços que, inicialmente, Foucault se propõe a pensar o que nomeou de heterotopologia.

O interesse despertado por essa passagem, na rádio, fez Foucault ser, tempos depois, chamado para dar uma conferência acerca do tema para o Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris. Isso ocorreu em março de 1967. Nesse momento, o autor volta a revisitar o conceito de heterotopia na conferência, intitulada *Outros Espaços*, autorizada para a publicação apenas em 1984, quando passou a integrar o volume três de sua obra *Ditos e Escritos* (2009).

Na proposta apresentada em *Outros Espaços*, Foucault retoma suas inquietações sobre os espaços: “creio que a inquietação de hoje se refere fundamentalmente ao espaço, sem dúvida muito mais que ao tempo; o tempo provavelmente só aparece como um dos jogos de distribuição possíveis entre elementos que se repartem no espaço” (Foucault, 2009, p. 413). Acreditamos que assumimos diferentes posicionamentos em nossas relações, a partir dos diferentes espaços em que transitamos. Desse modo, aquilo que, para Foucault, seriam os espaços de fora, se constituem para onde somos atraídos para fora de nós mesmos. Esses espaços são constituídos, bem como passíveis de descrição, a partir da análise do conjunto de relações que se dão neles, os múltiplos posicionamentos que assumimos (Foucault, 2009).

Existem os posicionamentos que se dão no conjunto de relações, os quais se estabelecem nos lugares de passagem, como ruas e ônibus; nos lugares de parada provisória, como bares e cafés; nos lugares de repouso, como quartos e casas. E, dentre todos esses posicionamentos que assumimos, existem espaços que “têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (Foucault, 2009, p. 414).

É pensando nesses espaços, nessas heterotopias, que Foucault reafirma sua proposta de análise como uma proposta de descrição sistematizada, que teria, então, por objeto, “o estudo, a análise, a descrição, a ‘leitura’, como se gosta de dizer hoje em dia, desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultânea



mítica e real do espaço em que vivemos” (Foucault, 2009, p. 416) - a heterotopologia e seus cinco princípios.

O primeiro princípio é o de que, em todas as diferentes sociedades e culturas, existem heterotopias, sendo essas uma constante. Essas, por sua vez, assumem diferentes formas. É possível, entretanto, dividi-las em duas grandes categorias: as heterotopias de crise e as heterotopias de desvio (Foucault, 2009).

As heterotopias de crise são lugares destinados aos sujeitos considerados, em relação à sociedade, como que vivendo em momento de crise, seriam, por exemplo, os velhos, as mulheres de resguardo, os espaços de recolhimento de doentes temporários. É interessante assinalar que essa heterotopia vem perdendo espaço em nossa sociedade, já foram os tempos em que, por determinado período da vida, os sujeitos eram afastados do espaço social por se considerar que passavam por um momento em que eles precisavam ser escondidos, separados dos demais, como a defloração das mulheres na noite de núpcias. Outros ainda perduram, como o serviço militar para os rapazes, não sendo esse, contudo, obrigatório a todos como fora anteriormente. Já as heterotopias de desvio, são destinadas aos espaços próprios para os sujeitos que se desviam daquilo que é dado como normal na sociedade. A título de exemplo desses, temos os hospitais de internação psiquiátrica, as casas de repouso e as prisões. Em parte, pode-se localizar que alguns desses espaços vivem entre as heterotopias de crise e desvio (Foucault, 2009).

O segundo princípio indica que, a partir dos desdobramentos de sua história, uma sociedade pode atribuir diferentes significados para uma mesma heterotopia. É exemplo dado, por Foucault, para esse princípio, a constituição dos cemitérios na sociedade ocidental, que mudou sua localização no decorrer do tempo. Inicialmente, eles eram construídos no centro das cidades, ao lado das igrejas. Entretanto, à medida que as sociedades se constituíram em estados laicos, o ordenamento dos cemitérios mudou de localização, passando para as extremidades das cidades. Assim, esses espaços ganharam um viés de culto aos mortos, além de começar a ocorrer uma crescente preocupação com a higienização desses lugares por medo de doenças. Tal transição vivida pelos cemitérios pode ter relação com a forma como se encara a morte e a preocupação com a vida na sociedade contemporânea (Foucault, 2009).



O terceiro princípio indica que uma heterotopia pode sobrepor diferentes espaços num mesmo espaço real. Ilustram esse princípio os teatros e os cinemas, que, no espaço do palco ou da tela, apresentam vários outros espaços, histórias e acontecimentos. Os jardins zoológicos também são exemplos desse princípio, nos quais a fauna de diferentes partes do mundo se encontra num mesmo ambiente (Foucault, 2009).

O quarto princípio assume que, de modo geral, as heterotopias estão vinculadas a momentos singulares do tempo, algo que Foucault chama de heterocronias. As heterotopias ocorrem em recortes de tempo, “se põe a funcionar plenamente quando os homens se encontram em uma espécie de ruptura absoluta com seu tempo tradicional” (Foucault, 2009, p. 418). Exemplo desse princípio são as bibliotecas, os museus, locais que sobrepõem, em seu espaço, muitos outros espaços e tempos. As feiras sazonais que ocorrem apenas em determinado tempo e depois são desfeitas também ilustram esse princípio (Foucault, 2009).

O quinto princípio indica que o acesso a essas heterotopias não é livre como num espaço público, elas têm um sistema de abertura e de fechamento. Existem heterotopias que Foucault pontua que são de acesso compulsório, como as prisões; outras que são de purificação ou rituais e outras, ainda, as quais são aquelas que parecem, inicialmente, que podem ser acedidas, mas que não passam de uma ilusão e, mesmo que se considere dentro dessas, está-se de fora, como os motéis, onde sujeitos se abrigam para vivenciar suas práticas de sexualidade e se constituem em espaços fora da sociedade, por abrigarem tais práticas de forma escondida (Foucault, 2009).

E, por fim, como sendo o último vestígio dessas heterotopias, Foucault indica que esses espaços têm, em cada sociedade, uma função distinta em relação aos demais espaços.

Os exemplos apresentados por Foucault, tanto em sua passagem pela rádio, como na conferência realizada ao grupo de arquitetos, muito se assemelham. Cabe aqui considerar o período em que o autor discorreu sobre tal conceito e, mesmo que muitos dos exemplos dados estejam em transformação em nossa sociedade, a proposta, em si, ainda é atual. E é justamente o caráter atual que perpassa as ideias apresentadas por Foucault a respeito das heterotopias que nos instigou a realizar algumas aproximações com o espaço do Videocurso.

Certa vez, numa entrevista concedida pelo filósofo, esse falou sobre o seu processo de fabricação das ferramentas que usava para realizar



suas análises e seus estudos. Segundo ele, “Não se podem fabricar ferramentas para não importa o quê; é preciso fabricá-las para um fim preciso, mas saber que serão, talvez, ferramentas para outros fins” (Foucault, 2003, p. 266).

Logo, é possível perceber que, quando o conceito de heterotopia fora pensado, estavam em questão outros entendimentos e desejos. Porém, também sentimos que, em tempos de slogan “Ideologia de Gênero” e com o crescente cerceamento dos espaços de discussão das questões de gênero e de sexualidade no âmbito educacional, faz-se necessário acionarmos a potência de conceitos como o de heterotopia. Eles podem nos ajudar a pensar e a criar outras possibilidades nos mesmos espaços em que nos vemos impedidos de agir. Aventuramo-nos, dessa forma, a fazer das heterotopias de Foucault outros fins.

Possibilitar espaços outros na formação de profissionais da educação sobre educação para a sexualidade

Pensar em heterotopia e pensar no Videocurso é um exercício constante de problematização desses espaços e das relações de saber, bem como de poder, que permeiam sua constituição. É também se aventurar a pensar nas relações que nesses espaços se estabelecem e no que elas possibilitam.

Durante o empreendimento aqui assumido, questionamo-nos: seria possível considerar o Videocurso como uma dessas formas extraordinárias indicadas por Foucault? Poderíamos considerá-lo como um *contraespaço* para a formação em educação para a sexualidade? Alguns dos elementos que encontramos, no espaço do Videocurso, poderiam ser pensados como elementos das heterotopias descritas pelo filósofo? O que permeia o espaço constituído pelo Videocurso e as relações que nele se dão que nos instigou a realizar tais problematizações?

Heterotopia, junção de *hetero* – outro – e *topia* – espaço, outro espaço, termo deslocado do campo da medicina, por Foucault (2009; 2013), para pensar espaços que, mesmo presentes no contexto social em que vivemos, têm a potência de nos mobilizar, desalojar-nos, transportar-nos para fora de nós mesmos e, ao mesmo tempo, para fora do próprio espaço em que estamos inseridos fisicamente. Conforme Fischer e Munhoz (2020, p. 07), pode-se, “talvez, entender as



heterotopias como força para que se torne possível pensar em outros modos”.

Seria, pensando a partir dos próprios exemplos elaborados por Foucault, como estar em uma biblioteca, espaço de silêncio e de tranquilidade, entretanto, ao mesmo tempo, ser transportado pelas páginas de um livro para o alvoroço e para a comoção dos dias do Festival de Woodstock, em agosto de 1969, por exemplo. Igualmente, seria como estar fisicamente dentro de um cinema, mas, ainda assim, correndo por uma floresta, fugindo de dinossauros ferozes. Seria, talvez, no contexto da educação, produzir possibilidades outras, fora do que se constitui o atual currículo escolar da educação para a sexualidade no Brasil. E quem sabe, por isso mesmo, por essa possibilidade de criação e de invenção que se encontra presente no conceito de heterotopia que somos remetidas a pensar na validade e na importância do Videocurso.

Como já mencionado, vivemos em um momento em que a educação para a sexualidade tem sofrido retrocessos devido a movimentos conservadores, os quais defendem a ideia de que cabe à família trabalhar as temáticas inerentes ao campo de estudos da educação para a sexualidade, pressionando, dessa forma, a retirada das discussões de gênero e de sexualidade de documentos legais relacionados a políticas públicas para a educação. É anunciado, por esses grupos religiosos e fundamentalistas, apoiados por políticos, que os referidos temas da educação para a sexualidade, quando debatidos no espaço da escola, afrontam a inocência das crianças e têm, por interesse, a “destruição da família” tradicional nuclear.

De acordo com Junqueira (2018), tais movimentos têm, em sua maioria, conferido especial atenção e interesse de controle dos campos voltados aos direitos à educação e à saúde da população brasileira. Na concepção dele, “[...] é na educação onde, em geral, eles têm tido mais facilidade para obstruir propostas inclusivas, antidiscriminatórias, voltadas a valorizar a laicidade, o pluralismo, a promover o reconhecimento da diferença e garantir o caráter público e cidadão da formação escolar” (2018, p. 186).

Constatamos que as “estratégias de controle do currículo com gênero e sexualidade são divulgadas nos mais diferentes espaços, numa evidente obstinação em impedir que continuem como um tema escolar.” (Paraíso, 2018, p. 24). Isso é feito a partir da circulação de uma série de reportagens, vídeos, cartilhas e materiais, produzidos por simpatizantes



e defensores do anunciado movimento contra “Ideologia de Gênero”, os quais apresentam informações desencontradas, em uma tentativa de revogarem o status de ciência aos estudos de gênero, de educação para a sexualidade, aos estudos Queer, entre outras áreas.

É nesse contexto de embates e disputas, no âmbito educacional, que, durante o período das discussões para aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2014, vivenciamos os primeiros ataques às discussões voltadas às temáticas de gênero e de sexualidade nos currículos e nos espaços escolares. Isso fez tais temáticas terem sua presença questionada junto à educação escolar brasileira (Paraíso, 2018a).

Posteriormente, na votação do PNE, palavras como “gênero”, “sexualidade”, “orientação sexual”, “educação sexual” e suas correlatas passaram a ser caçadas por deputados e por vereadores nas câmaras quando da votação dos Planos Estaduais de Educação (PEE) e Planos Municipais de Educação (PME). Em muitos casos, inclusive, ocorreu a completa assepsia de tais termos em muitos dos PEE e PME. Tal processo culminou com a votação da versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que teve removida de seu texto a indicação das referidas temáticas.

Imersas nesse contexto, sentimo-nos, enquanto Grupo de Pesquisa, impelidas a pensar e a construir outros caminhos para continuarmos no nosso fazer de professoras e de pesquisadoras junto à formação de profissionais da educação. É justamente porque os trabalhos e as discussões dos campos temáticos da educação para a sexualidade ganharam espaço e legitimidade, junto aos currículos educacionais brasileiros, que os “grupos reacionários querem frear, parar e impedir, nos tempos atuais do Brasil, qualquer discussão sobre gênero e sexualidade na escola” (Paraíso, 2018a, p. 25).

Dessa forma, lançamo-nos ao desafio de inventar outros espaços e outros tempos para formações no temáticas de corpos, de gêneros e de sexualidades. Sabendo da pouca abertura para a discussão desses temas, no espaço da escola, bem como da falta de tempo e de disponibilidade para formações presenciais dos diversos profissionais que atuam no âmbito educacional, os quais enfrentam inúmeras demandas, criamos novos possíveis, como diria Paraíso (2016; 2018) e, desse contexto, emergiu o Videocurso.



Acreditamos que as heterotopias sejam esses espaços outros, como proposto por Foucault (2009; 2013), localizados dentro dos espaços em que vivemos e nos quais convivemos. Essas, por sua vez, têm capacidade de possibilitar a nós vivências outras, experiências distintas daquelas pensadas, de maneira a nos provocar a acionar algumas de suas características, por identificarmos, no Videocurso, semelhanças com elas.

Parece apropriado pensar que, em tempos de “Ideologia de Gênero”, o Videocurso Educação para a Sexualidade constitui-se como um espaço de desvio para aqueles/as que procuram a formação para discutir esses temas, uma vez que sua constituição se dá juntamente ao momento em que vemos as discussões relacionadas aos corpos, aos gêneros e às sexualidades retrocederem no âmbito educacional. O Videocurso cria possíveis outros espaços de discussão para a educação para a sexualidade no espaço do currículo instituído, o qual está presente em muitos documentos norteadores da educação.

Em muitos momentos, emergem, nas discussões nos fóruns do Videocurso, o posicionamento dos/as cursistas sobre a falta ou acerca da pouca formação nos cursos de formação inicial. Ainda, é questionado por eles, muitas vezes, a necessidade de maior formação e aprofundamento a respeito da temática da educação para a sexualidade, como foi colocado por esse/a cursista:

“Nós, futuros professores, precisamos de mais conhecimentos além daqueles que o curso oferece, claro que são muitos, mas esse é um dos que deveria ser essencial. Precisamos ir para a sala de aula sabendo lidar com os alunos sobre esse tema, que aborda principalmente a diferença de gênero.”³

Logo, criar um “espaço que, propositalmente, quer colocar em questão as normas de gênero” e de sexualidade, pensando na formação continuada desses temas, faz-nos acreditar que, para muitos dos/as cursistas que procuram o Videocurso, esse se constitui um “espaço outro’ que é desviante em relação às normas de gênero.” (Paraíso, 2018a,

³ As provocações e as problematizações que permeiam os movimentos realizados, nesse artigo, são fruto, em grande parte, das experiências vivenciadas ao longo das sete ofertas realizadas do Videocurso Educação para a Sexualidade. Foram colocadas, em muitas passagens e depoimentos dos/as cursistas que realizaram as atividades, discussões, indagações e colocações que nos instigaram a pensar a partir do conceito de heterotopia. Dessa forma, são muitas as passagens localizadas no material empírico da tese que fazem emergir vestígios daquilo que nos propomos a entender como elementos das heterotopias. Com o intuito de ilustrar a experiência e as relações que permeiam esse espaço, utilizamo-nos de alguns excertos extraídos dos fóruns realizados ao longo das ofertas do curso, que ocorreram, semestralmente, em 2015/02, 2016, 2017 e 2018.



p. 20). Como podemos observar, ao comentarem nos fóruns sobre a existência do Videocurso, a respeito de como tem se configurado o currículo de tais temas, nos espaços escolares:

“[...] eu acho que essa iniciativa de formação é fundamental, pois, além de suprir uma carência da formação (como minha graduação, por exemplo), permite-nos atuar na contramarcha dos movimentos que vêm se apoderando da escola para fecha-la às discussões e separá-la da realidade do mundo da vida.”

“Realmente a formação é fundamental para se abordar estas temáticas com propriedade em sala de aula, principalmente em um momento histórico onde o pensamento fundamentalista religioso e neoconservador vem ganhando força na sociedade brasileira.” (Moodle Videocurso 1, 2017).

É desviando desse contexto de enfrentamento, vivenciado por todos nós, profissionais da educação, que encontramos, no espaço do Videocurso, formas de abrir outros caminhos. Por meio das durezas dos embates diários, criamos possibilidades, nesse *contraespaço*, de se multiplicarem as relações, as amizades e os afetos daqueles/as que assumem, como tarefa diária, construir uma prática educativa permeada pelos enfrentamentos às violências, às discriminações e aos preconceitos relacionados aos gêneros e às sexualidades.

Enfrentamento pensado como reaglutinação estratégica de forças para contrapor-se aos efeitos de tormentas desencadeadas no espaço público brasileiro por grupos conservadores que, em defesa de uma suposta ‘moral’, de um determinado tipo de ‘família’ (heteronormativa, universal e atemporal) e de um determinado tipo de sujeito (heterossexual), combatem o que se convencionou chamar de ‘ideologia de gênero’. Ideologia que, de um ponto de vista dogmático, inconsistente e autoritário, seria promovido e veiculado, em grande medida, pelos feminismos, pelos estudos de gênero, pelos estudos gays e lésbicos e pelas teorizações queer (Meyer, 2013, p. 09).

É no espaço coletivo, de diálogo aberto, possibilitado pelo Videocurso, que se criam possíveis pontes, possíveis redes, possíveis parcerias. Detectamos essa ideia na fala de outro/a cursista:

“sobretudo, para diminuir a solidão e buscar em conjunto estratégias para romper com os silêncios e os preconceitos neste espaço. Poder debater, escutar e ser escutada (ainda que virtualmente) por pessoas com preocupações similares é um conforto.” (Moodle Videocurso 1, 2016).

Percebemos, no *Videocurso*, essa possibilidade de conexão entre outros lugares, no qual professores/as e cursistas travam diálogos, debates, discutem temas e compartilham saberes. Isso se confirma no seguinte depoimento:



“para uma educação de qualidade, a escola tem que ser um lugar vivo, onde o professorado está envolvido, as e os funcionários se implicam, as famílias participam e as e os estudantes têm protagonismo. Isso requer um projeto educativo comum. [...] por isso creio que o curso educação para a sexualidade e as pessoas aqui envolvidas, com suas diferentes experiências e práticas, podem contribuir para a construção dessas estratégias na minha escola e na de quem quiser.” (Moodle Videocurso 1, 2018).

São professores e professoras de diferentes cidades, atuantes das redes públicas municipais e estaduais de educação, são graduandos e graduandas de diversos cursos de formação de universidades públicas de todo o país, são pós-graduandos e pós-graduandas que têm, como interesse, aprofundar saberes e conhecimentos sobre a educação para a sexualidade, em muitos casos, para dialogar com suas pesquisas, conforme relato:

“Considero esse curso de extrema relevância porque mostra que a “vontade de conhecer o tema” está cada vez mais presente. O próprio fórum é um importante espaço de formação, aqui aprendemos com os colegas, trocamos nossas experiências, sugestões de documentos onde se pode aprender mais... tudo isso mostra que, todos que aqui estamos, temos essa vontade de aprender bastante latente.” (Moodle Videocurso 1, 2015).

É nesse espaço do Videocurso que são justapostos esses múltiplos lugares dos quais cada um/a dos/as cursistas encontra-se fisicamente. Além disso, os diálogos possibilitados pelos fóruns, para compartilharem suas experiências e vivências, mostram-nos esse ‘outro espaço’, criado, pelos cursistas, como um espaço permeado por elementos das heterotopias, as quais têm, por capacidade, propiciar a constituição de “um espaço-tempo do compartilhar experiências, memórias e narrativas” (Pérez, 2007, p. 135).

Ao longo do curso, aparecem, frequentemente, nos fóruns, o compartilhamento dessa importância de o Videocurso ser um espaço de trocas e de aproximações. Isso é explicitado por outro/a cursista:

“Acredito que temos mesmo que aproveitar a tecnologia a nosso favor. Este curso em EaD foi excelente! Pessoas distantes puderam compartilhar tantas coisas que não seria possível presencialmente. Além de poder assistir esta maravilhosa conferência na própria casa!” (Moodle Videocurso 1, 2015).

Nenhum desses sujeitos habita o mesmo espaço, mas todos/as travam diálogos por meio do espaço do Videocurso. Igualmente, são remetidos para outros espaços através das diferentes experiências compartilhadas nos fóruns.



É, dessa forma, pensando nas justaposições apontadas por Foucault (2009; 2013), em suas análises sobre a heterotopia do cinema, que percebemos, nesse retângulo que é a tela de um computador ou de dispositivo móvel, quando abertas na página inicial do *Videocurso*, que apenas um *clic* de distância separa as possibilidades de justaposição de múltiplas outras telas, de múltiplos outros espaços. E é nesse processo “variado e em movimento – que se conjuga uma luta política, uma estratégia pedagógica, que há indícios de comoção, de respiro, de raiva, de amor, de inspiração, de investimento em si mesmas, etc. Por fim, compreendemos que esse ‘espaço outro’ de estudo”, como descrito por Paraíso (2018a, p. 21), ao mencionar um Grupo de Estudos de professoras na cidade Belo Horizonte, em Minas Gerais, é aquilo que nos faz acreditar na relevância do estudo do *Videocurso* e de sua proposta de formação.

As videoaulas, os materiais para leitura complementar, as discussões nos fóruns, a midiateca, são espaços, dentro do *Videocurso*, que abrem portas para os/as participantes conhecerem outros espaços. Nos diálogos realizados entre cursistas e equipe docente, na troca de links de reportagens, charges, imagens e informações que estão circulando pelas mídias sociais e que têm relação com as videoaulas abordadas, é demonstrada a multiplicidade de possibilidades que permeiam o espaço do *Videocurso* e, mais uma vez, fazem-nos pensar nas heterotopias.

Aparece presente, nos comentários dos fóruns, passagens que indicam a relevância dos materiais e das aprendizagens que são apresentados, compartilhados neles:

“A cada videoaula, eu relacionava os temas com os trabalhos voltados às questões de gênero e diversidade, que estamos fazendo junto à Instituição em que atuo. Com certeza o trabalho de vocês terá multiplicadores, pois acredito que todos nós que tivemos a oportunidade de participar de um curso com tamanha relevância, teremos agora a missão de repassarmos isso aos nossos grupos. E é dessa forma que podemos entender que essas ações podem ter uma dimensão enorme... Iremos atingir e sensibilizar muitas e muitas pessoas, e assim contribuir para uma sociedade mais democrática, pacífica e que promova o RESPEITO em todas as relações.” (Moodle Videocurso 1, 2017).

Para Silvio Gallo “Na lógica da heterotopia, trata-se de não criar modelos novos, mas simplesmente formas outras de fazer e de viver, no contexto mesmo daquele modelo instituído. Transformar o modelo micropoliticamente (microfisicamente, diria Foucault)” (2015a, p. 86).



Desse modo, pensar no Videocurso, a partir do conceito de heterotopia, é entender esse espaço, constituído no âmbito educacional brasileiro, como um lugar de formação institucional, dentro de uma plataforma de aprendizagem *online*, como tantos outros cursos, mas possibilitar nele um espaço outro de vivência, de experimentação e de criação. Isso se dá ao se articular, em sua proposta, a discussão de temas como os gêneros e as sexualidades e, assim, fazer multiplicar essas temáticas.

Ademais, trata-se de compreendê-lo como um lugar que nos inquieta e, até mesmo, de certo modo, subverte-nos como são também as heterotopias. Quem sabe, mais do que tudo, pensar no Videocurso, quando provocadas pelo conceito de heterotopia, signifique pensar nesse espaço como um local de resistência, como pontua outro/a cursista:

“Uma das formas de promover a educação para a sexualidade e a diversidade seria promover o estudo de gênero dentro desses espaços, o que aos poucos já está ocorrendo, mas estão tentando impedir. Por isso, precisamos inicialmente resistir e lutar para que esse retrocesso não ocorra e devemos, também, nos capacitar para cada vez mais ampliarmos os debates dentro desses espaços, respeitando sempre a diversidade.” (Moodle Videocurso 1, 2018).

E buscar a formação, nos temas da educação para a sexualidade, em tempos de slogan “Ideologia de Gênero”, assim como querer tratar dessas temáticas, no espaço da escola, é, antes de mais nada, estar inquieto/a com o contexto educacional do Brasil e querer subverter a ordem que tem se tentado estabelecer a partir dos ataques aos documentos norteadores da educação, mas, principalmente, significa resistência. Assim, possibilitar espaços que se constituam permeados por heterotopias, para a formação de profissionais da educação, nesses temas, compreende possibilitar a criação de outras práticas de educação para a sexualidade, práticas de resistência, as quais permitam romper com a lógica de uma educação que se faz reprodutora de normas e de práticas, possibilitando o multiplicar das singularidades (Pérez, 2007).

Portanto, pensar nas possibilidades de resistências, a partir dos espaços de formação permeados por heterotopias, é encontrar caminhos possíveis, é dizer não a todos os retrocessos que são impostos no campo das discussões de gênero e de sexualidade, uma vez que, como afirmam Fischer e Munhoz (2020, p. 8):

[...] poderíamos dizer que as heterotopias são territórios de resistência às capturas do estado, às formas de regulações, às normativas, ainda que esse espaço esteja dentro de um espaço instituído. É um lugar de devir, de criação, de experimentação, um



espaço micropolítico em meio a um espaço macro. Um espaço do fora no espaço do dentro. Um entrelugares.

Nesse contexto, percebemos, no espaço do Videocurso, um caminho possível, buscado por aqueles/as que desejam falar sobre assuntos considerados, atualmente, no contexto brasileiro, marginais ao campo da educação. São profissionais de diversas áreas vinculadas ao campo da educação, que, por força e desejo de criação, pela vontade de possibilitar uma educação pautada nas diferenças de gênero e sexualidade, encontram, nesse *outro* espaço, constituído pelo Videocurso, um espaço para resistir e para criar possibilidades.

Desde a constituição do Videocurso e a cada semestre em que é ofertado, bem como a partir do movimento de ampliação do escopo de discussões com o desenvolvimento de novas videoaulas, entendemos que se torna possível e potente “inventar espaços outros no próprio espaço do instituído pela força do que nos leva a pensar e a perceber o mundo de outros modos, com outras lentes” (Fischer; Munhoz, 2020, p. 9) e assim criar espaço de trocas e discussões criativas.

É todo esse movimento de criação, de invenção e de possibilidade que permeia o espaço, as vivências e as relações que se dão nas ofertas do Videocurso Educação para a Sexualidade. Isso tem sido fonte de energia, força e resistência aos avanços enfrentados no campo educacional que nos moveram pelas análises, pelas aproximações e pelas problematizações das heterotopias de Foucault.

Na criação e na experimentação desse espaço outro, que permite discutir, conversar, ler, debater, trocar informações e falar sobre suas próprias experiências e vivências, partilhando inseguranças, desejos, sonhos e esperanças, que nos aventuramos a pensar que estamos possibilitando heterotopias na formação de profissionais da educação para aqueles/as que se deixaram tocar pela experiência, que são afetados/as por esse outro espaço e se lançaram no desafio de multiplicar os temas da educação para a sexualidade nos espaços em que foram cerceados, nas brechas do instituído, suscitando novos acontecimentos. Isso pode ser percebido a partir do retorno de um/a cursista, a respeito dos desdobramentos que o Videocurso tem produzido em sua prática pedagógica:

“Quero agradecer pela minha inscrição no curso de Educação para a Sexualidade [...]. Foi muito produtivo para mim. De modo importante, as videoaulas e as discussões no Fórum foram úteis para a fundamentação teórica das orientações para as/os alunas/os do projeto de extensão que submeti [...]. Nos encontros presenciais, é



que fiz a reformulação da fundamentação teórica, tendo em vista as videoaulas e os textos. Com efeito, o projeto já está em andamento e as videoaulas estão sendo assistidas pelas/os participantes nos encontros presenciais no Laboratório de Formação de Educadores. Além disso, criei uma biblioteca no Google Drive com os textos disponíveis no curso. Acessei os livros e cortei, através de editor de PDF, os capítulos e organizei pastas para os diferentes temas a partir de diferentes fontes [...]! Por fim, abri uma conta no Instagram em que eu e as/os participantes temos postado as fotos dos nossos encontros semanais. Pela importância dos assuntos, vou solicitar a renovação do projeto, que finaliza em novembro deste ano. Isso porque, neste momento, estou produzindo um recurso didático para abordar os assuntos.” (Moodle Videocurso 1, 2017)

A partir das palavras do/a cursistas, notamos como as vivências de formação do *Videocurso* estão pautadas em uma proposta de diálogo e na troca de conhecimentos e de aprendizados outros, os quais escapam ao currículo instituído e destoam, inclusive, do que foi proposto inicialmente dentro do próprio espaço do *Videocurso*, uma vez que esse se ramificou por muitos outros caminhos, de muitas outras formas, ultrapassando os limites de formação de seu espaço.

Percebendo esse movimento de criação e de multiplicação que permeia o *Videocurso*, conseguindo-se detectar que ele pode vazar para outros espaços e outros tempos, somos instigadas a perceber, nesse processo, elementos das heterotopias. Criar heterotopias, no espaço institucionalizado da escola, segundo Gallo, é “engendrar novos espaços-tempos, que instituem relações pedagógicas diferenciadas. E que suscitem acontecimentos” (2015a, p. 85). Para nós, nos preâmbulos desse artigo, o conceito de heterotopia foi acionado para investigar o espaço em que se constitui o *Videocurso* Educação para a Sexualidade e dele as relações que se constituem. Nosso entendimento é que ele se configura como um espaço que tem suscitado acontecimentos e tem possibilitado a vivência de relações pedagógicas diferenciadas.

Entendemos que se “[...] fazer heterotopia na escola hoje é praticar uma educação voltada para a vida, não apenas para o aprender. Uma educação além da vigilância e da disciplina que pode transformar o espaço panóptico em um espaço de criação e formação, um local de experimentação⁴” (Gallo, 2015b, p. 95). Logo, é possível ampliar essa

⁴ Tradução da autora: “je dirais que faire hétérotopie à l’école aujourd’hui, c’est pratiquer une éducation orientée à la vie, pas simplement vers le savoir. Une éducation au-delà de la surveillance et de la discipline, qui puisse transformer l’espace panoptique en un espace de création et de formation, un lieu d’expérimentation” (Gallo, 2015b, p. 95).



discussão e sinalizar que fazer heterotopia, na formação de profissionais da educação, pode significar oportunizar discussões relacionadas à educação para a sexualidade e, assim, permitir a transformação de práticas educativas, muitas vezes, pautadas na normatização dos corpos e na regulação dos gêneros e sexualidades, possibilitando propostas que priorizem “conhecer a si mesmo e aprender sobre si mesmo. Uma escola além da subjetivação, onde cada pessoa seria capaz de pensar por si mesma e aprender a viver por si mesma⁵” (Gallo, 2015b, p. 95).

Algumas considerações finais

Diante de todo o caminho trilhado por nós, no presente artigo, a partir das aproximações realizadas entre o conceito de heterotopia e aquilo que tem se constituído no espaço de formação do Videocurso Educação para a Sexualidade, consideramos instigador e profícuo pensar nesse instrumento como um espaço permeado por elementos das heterotopias. E esse espaço, por sua vez, tem se produzido imerso a um contexto de disputas e de embates no campo de atuação da educação para a sexualidade nos diferentes espaços educativos.

Em tempos de “Ideologia de Gênero”, em que notamos crescer uma frente conservadora e ofensiva, que tem, como proposta, cercar os estudos e as práticas que tenham, como temas, as questões de gênero e sexualidade, encontramos, no espaço do Videocurso, a possibilidade de enfrentamento, de resistência e, principalmente, a constituição de outros caminhos possíveis à formação e ao aprofundamento de tais temáticas junto a profissionais da educação. Esses profissionais se propõem, em suas práticas pedagógicas, a tratar dos referidos assuntos, por estarem preocupados/as em desenvolver propostas diferenciadas, as quais incluam a valorização das diferenças e o combate às violências.

Assim, foram estabelecidos, nesse movimento, os pontos de resistência que eram acionados pelo espaço do Videocurso, a partir dos elementos de heterotopia que o permeavam, possibilitando formas de resistência e de luta aos avanços da frente conservadora, a qual tentava, a partir do âmbito das políticas educacionais, frear e criminalizar práticas de educação para a sexualidade nos currículos escolares.

⁵ Tradução da autora: “où il serait possible de se connaître soi-même et d’apprendre le souci de soi. Une école au-delà de la subjectivation, où chaque personne serait capable de penser par soi-même et d’apprendre à vivre par soi-même.” (Gallo, 2015b, p. 95).



Logo, ao se considerar o espaço do Videocurso como um outro espaço, pensado no campo da formação de profissionais da educação, para tratar dos temas da educação para a sexualidade, compreendemos ser esse um dos primeiros pontos de resistência possibilitados por esse espaço. Isso permitiu que os/as cursistas estabelecessem trocas, realizassem aprendizagens e, principalmente, pudessem contar o que percebiam e viviam em seus espaços de atuação profissional.

Outro ponto destacado, a partir desse movimento de análise, foi a compreensão da necessidade de articulação com os estudos dos campos de gênero e de sexualidade, de modo que os/as cursistas pudessem defender as temáticas da educação para a sexualidade no currículo escolar, bem como conseguissem esclarecer e desmistificar as informações falsas e equivocadas multiplicadas pelo movimento “ideologia de gênero”.

Nas heterotopias e no Videocurso, percebemos a possibilidade não apenas de criação, mas também de multiplicação. Ao se constituir nesse *contraespaço* para a formação de profissionais da educação, nas temáticas da educação para a sexualidade, em tempos difíceis, como os vivenciados nos últimos anos, no âmbito educacional brasileiro, vemos presente, nas passagens dos/as cursistas pelos fóruns do Videocurso, multiplicarem-se encontros, ideias, resistências, movimentações, intenções, ações, reações e desejos. É possível se perceber, igualmente, os/as cursistas produzirem heterotopias a partir de suas trocas e de suas experiências no Videocurso “Afiml, além da invenção de lugares, de existências, elas estão também fazendo a crítica à sociedade atual e demandando a gestação de uma nova sociedade” (Paraíso, 2018, p. 25).

Portanto, arriscamos afirmar, com base no processo de análise e de investigação presente nesse artigo, a compreensão de ser o Videocurso Educação para a Sexualidade um espaço permeado por elementos da heterotopia e um espaço de criação de possibilidades, permitindo aos/às cursistas produzirem outras heterotopias a partir da multiplicação de sua vontade e seu desejo do ‘fazer’ e ‘falar’ sobre os temas da educação para a sexualidade.

Referências



BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 83-111.

FISCHER, Deborah Vier; MUNHOZ, Angélica Vier. Espaços outros que convivem nas escolas: heterotopias. *In*: *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, RS, Ahead of Print, v. 25, e020017, 2020. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/8041/pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 223-240. (Ditos e escritos; IV).

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422. (Ditos e escritos; III).

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Espaço, saber e poder. Entrevista concedida a Paul Rabinow. **Revista Punkto**, 2015, v. 4, s.p. Disponível em: https://www.revistapunkto.com/2015/04/espaco-saber-e-poder-michel-foucault_88.html. Acesso em: 10 de março de 2024.

GALLO, Sílvio. Educação Menor: produção de heterotopias no espaço escolar. *In*: GRUPO TRANSVERSAL (org.). **Educação Menor**: conceitos e experimentações. Curitiba: Appris, 2015a. p. 75-88.

GALLO, Silvio. La production des hétérotopies à l'école: souci de soi et subjectivation. *In*: **Le Télémaque**. n. 47, p. 87-95, 2015b. Disponível



em: <http://www.cairn.info/revue-le-telemaque-2015-1-page-87.htm>. Acesso em: 27 fev. 2016. DOI: <https://doi.org/10.3917/tele.047.0087>.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça” à família natural”? *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (orgs). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Políticas públicas de educação: entre o direito à educação e à ofensiva antigênero. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018. p. 179 -210.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 11 -29.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, p. 388-415, 2016. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política *com* gênero e sexualidade em tempos do *slogan* “ideologia de gênero” *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2018. p. 23-52.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero, sexualidade e heterotopia: entre esgotamentos e possibilidades nos currículos. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa *et al.* **Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ações) nos espaços de educação**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2018a. p. 07-27.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. A lógica e o sentido da formação: heterotopias, acontecimentos e sujeitos. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF, Niterói, v. 19, n. 1, p. 127-143, 2007. Disponível em:



http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2024.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100010>.

Heterotopias:

spaces for creating possibilities in the training of education professionals in sexuality education

RESUMO. The aim of this article is to discuss the Videocurso “Educação para a Sexualidade” as a space permeated by heterotopic elements that enable the formation of education professionals in sexuality education. Based on Foucaultian studies, this research proposed to conduct the theoretical study of the concept of heterotopia developed by Michel Foucault and, subsequently, to perform the analysis of the Videocourse space. It is concluded that the Videocourse is a space permeated by heterotopes elements proposed by Foucault. Through the analysis it is noticeable a juxtaposition of distinct spaces between them allowing the dialogue as well as the exchange of experiences of the professionals who participate in the formation. In addition, this is a space of deviation from what has been established in education in Brazil, which creates possibilities for learning and discussion of sexuality education, making the promotion of an education based on differences and fight against violence.

PALAVRAS-CHAVE: Sexuality education. Heterotopia. Formation of education professionals. Resistance.

Cristina MONTEGGIA VARELA

*Pedagoga pela Universidade do Estado de Santa Catarina.
Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina.
Doutora em Educação em Ciências pelo PPG Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande.
Professora efetiva na Prefeitura Municipal de Florianópolis, na
Secretaria Municipal de Educação (PMF/SME). Tem experiência na
área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas:
educação para a sexualidade, formação de professores, corpos, gêneros
e sexualidades. Membro do Grupo de Pesquisa Sexualidade Escola.*

**Paula Regina COSTA RIBEIRO**

Professora titular do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Pós-doutora pela Escola de Educação de Coimbra. Editora da Revista Diversidade e Educação.

Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese), atuando principalmente nos seguintes temas: corpos, gêneros e sexualidades. Bolsista produtividade 1C do CNPq.

Joanalira CORPES MAGALHÃES

Professora Associada do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Furg. Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Integrante do GT Pedagógico da Secretaria de Educação a Distância (SEaD), da Furg. Pesquisadora do Grupo de Investigación en Educación y Sociedad (Gies). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese), atuando principalmente nos seguintes temas: gêneros, gênero e ciência, sexualidades, artefatos culturais. Editora da Revista Diversidade e Educação.

Recebido em: 07/10/2023

Aprovado em: 18/03/2025